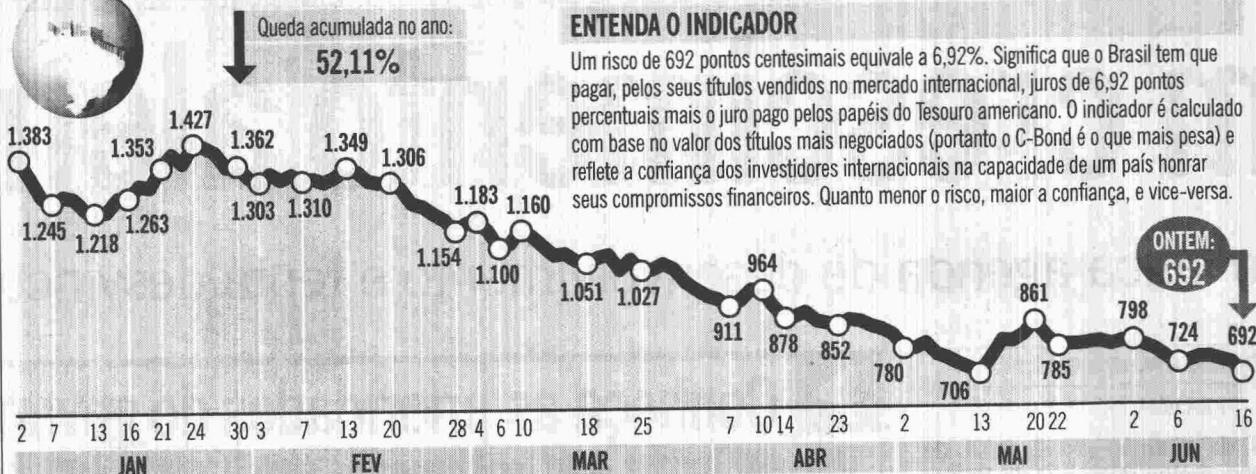




Cresce a confiança dos investidores

O RISCO-BRASIL NO ANO



ENTENDA O INDICADOR

Um risco de 692 pontos centesimais equivale a 6,92%. Significa que o Brasil tem que pagar, pelos seus títulos vendidos no mercado internacional, juros de 6,92 pontos percentuais mais o juro pago pelos papéis do Tesouro americano. O indicador é calculado com base no valor dos títulos mais negociados (portanto o C-Bond é o que mais pesa) e reflete a confiança dos investidores internacionais na capacidade de um país honrar seus compromissos financeiros. Quanto menor o risco, maior a confiança, e vice-versa.

Os demais indicadores ontem

DÓLAR

R\$ 2,875

Alta no dia: 1,23%

C-BOND

(% do valor de face)

92,88

Alta no dia: 0,71%

BOVESPA

+0,72%

Risco-país cai abaixo de 700 pontos e volta ao mesmo patamar de 2001

economia - Brasil 72

Título da dívida brasileira bate recorde e economistas projetam melhora

Fábio Nascimento

• O risco-Brasil despencou ontem 4,68% e rompeu a barreira dos 700 pontos centesimais, voltando ao mesmo patamar de 16 de fevereiro de 2001. Aos 692 pontos, o índice — medidor da confiança dos estrangeiros na capacidade de o país pagar suas dívidas — reflete a melhora da percepção internacional sobre a economia brasileira. Para a maioria dos economistas, o caminho do risco-país é de queda, rumo aos 400 pontos. O C-Bond (principal título da dívida brasileira negociado no exterior) valorizou-se ontem 0,71% e atingiu novo recorde histórico: 92,88% do seu valor de face.

O economista Fernando Honorato Barbosa, do BBV Banco, vê espaço para queda de 200 pontos do risco. Para a estimativa, Barbosa tomou por base o risco médio dos emergentes, excluindo o Brasil — para ter um panorama da realidade dos outros países — e a Argentina, cuja situação destoa muito do restante do grupo.

— O risco médio dos emergentes é de 400 pontos centesimais e o Brasil deve convergir para essa média em 12 a 16 meses. Até o fim deste ano, o risco deve se situar nos 600 pontos — estima Barbosa.

Aprovação de reformas derrubarão mais o risco

A queda na avaliação do risco pode ir ainda mais longe na opinião do economista Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central e professor do Ibmec Business School:

— A tendência é alcançar patamares mais baixos, de até 300 pontos ainda este ano. Mas isso dependerá da aprovação das reformas tributária e da Previdência — analisa Freitas.

A política do governo é apontada como a razão fundamental para a melhora do cenário, principalmente o rígido combate à inflação e o esforço fiscal para alcançar superávit primário (re-

ceitas menos despesas, sem levar em conta pagamento dos juros) de 4,5% do PIB.

Outro motivo para a avaliação melhor do Brasil é a sobra de dinheiro no exterior, gerada pelos baixos juros nos Estados Unidos (1,25% ao ano) e na Europa (2% anuais). Sem obter boa rentabilidade em seus países, os investidores financeiros migram suas fortunas para os emergentes, que pagam juros mais altos. O Brasil, por exemplo, remunera seus papéis a uma taxa cerca de sete pontos percentuais acima daquela dos títulos americanos.

Alexandre Maia, economista da GAP Asset Management, acredita num risco de 500 pontos entre agosto e outubro. Se confirmada, a projeção se tra-

dizaria em captações de dólares no exterior mais baratas,

facilidade para empresas e go-

vernos alongarem dívidas e flu-

xo positivo de moeda, o que

tornaria o real mais estável.

O economista Paulo Cintra

Castilho, da Global Invest, ava-

lia o momento com cautela:

— Não acredito que esse patamar de risco seja consistente. Hoje, as empresas não têm problema para alongar suas dívidas. Porém, quando os grandes bancos estrangeiros lucrarem o bastante com os papéis brasileiros, vão recomendar a redução dos investimentos no país e a situações vai começar a piorar.

Apesar da melhora interna-

cional, o dólar fechou em alta

de 1,23%, negociado a R\$ 2,875.

O motivo é a aposta de que o BC cortará os juros em meio ponto percentual na quarta-feira, o que torna mais atraente investir na moeda. Empresas tam-

bém aproveitaram a cotação do

dólar para pagar dívidas.

Na expectativa de corte da Selic, os contratos futuros de juros foram negociados com ta-

xas inferiores às do fechamento

de sexta: 23,08% ao ano contra

23,16%. A Bolsa de Valores de

São Paulo seguiu o bom de-

semestre das principais bolsas

mundiais e fechou em alta de

0,72%. O volume de negócios foi

recorde no ano: R\$ 1,8 bilhão. ■

► NO GLOBO ON LINE:

Veja a variação do risco Brasil nos últimos dois anos
www.oglobo.com.br/economia